

imprensa não está livre; existe uma inquisição política; os ânimos estão desconfiados, — é necessário que a Assembléia dê a isto algum remédio”(39). Mas o projeto de anistia foi rejeitado por 35 votos contra 17.

A 6 de junho, Luís Augusto May, redator de *A Malagueta*, que estava numa fase dos números extraordinários — a fase regular ficara encerrada — sofreu o brutal atentado que o colheu em sua própria residência, preludiado na afrontosa reprimenda publicada no *Espelho* em janeiro. No dia 16 de julho, caía o ministério presidido por José Bonifácio. Os Andradas e seus amigos, que haviam arrasado a imprensa liberal, colocavam-se agora em oposição. Para isso, além da tribuna parlamentar, dispunham de um jornal, *O Tamoio*, cujo primeiro número apareceu a 12 de agosto. Era pequeno jornal do tipo doutrinário, de 4 páginas, a maior parte do espaço ocupado por um só artigo, de comentário dos acontecimentos mais recentes, mas tão somente os políticos. Impresso na oficina de Silva Porto & Cia., aparecia uma vez por semana, às terças-feiras, em seguida duas vezes, às terças e sextas, depois três vezes, às terças, quintas e sábados, prova de que grangeara leitores e assinantes.

Fazia oposição ao governo, ressaltando, entretanto, a pessoa do imperador. Era um tipo de oposição que encontrava a mais ampla receptividade, pelas condições do tempo, pois assentava no puro jacobinismo, atacando os portugueses em linguagem desabrida. Dois grandes amigos de José Bonifácio eram os diretores e redatores: Vasconcelos Drumond e França Miranda. Ainda que nele não fosse direta a responsabilidade de José Bonifácio, dele era a inspiração do jornal e, possivelmente, parte de sua matéria. De qualquer forma, a orientação refletia o pensamento político andradista e resultava do impasse a que fora levada a conduta pública de José Bonifácio, em consequência de suas contradições.

A tecla principal de sua argumentação era a jacobina: “Desde o título, para o qual se escolherá o nome de uma nação indígena — dirá Caio Prado Júnior — que se mostrara particularmente hostil aos colonizadores lusos. Mas será um ataque indiscriminado e incoerente, cheio dos mais absurdos exageros. José Bonifácio, refletido por seus amigos no *Tamoio* tomara-se de um ódio que se pode dizer pessoal aos portugueses. Tocarà, com isso, uma fibra muito sensível da opinião popular. Mas nada mais: não era possível construir sobre tal base puramente emotiva uma política eficiente e construtiva. À oposição revolucionária dos democratas contra os privilégios econômicos e sociais de que os portugueses eram os principais titulares (mas não os únicos), o *Tamoio* substituirá uma oposição estéril aos

(39) *Anais da Constituinte*: pág. 73, I.